

Magri: CGT aceita convocação para união nacional

São Paulo — O Presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), Antônio Rogério Magri, disse ontem que a CGT está aberta à proposta de um governo de união nacional, pretendido pelo futuro Ministro da Justiça, Bernardo Cabral, “desde que isso não implique desemprego e outros sacrifícios para a classe trabalhadora”. É que Magri está praticamente convencido de que as medidas econômicas a serem implementadas vão gerar recessão:

— Acho que o remédio que vem aí será duro e amargo, mas acredito que desta vez o sacrifício não recairá apenas sobre os trabalhadores — disse o Presidente da CGT, ressaltando ainda que os empresários não podem confundir “perda de dinheiro com lucro menor.”

— Desta vez os empresários vão ter que se conformar em reduzir seus ganhos sem partir para a velha fórmula mandar gente embora — frisou Magri, para quem, os resultados das últimas eleições mostram que a sociedade brasileira já “deu um cartão amarelo ao empresariado, e que nas próximas eleições de outubro poderá dar a eles um cartão vermelho”.

O Presidente da CGT estará viajando para Natal, na próxima sexta-feira, para participar de reunião da Executiva Nacional da CGT, cuja pauta principal será o estudo da conjuntura nacional e a possibilidade de haver recessão no Governo Collor.

Para Antonio Araújo Lima, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, um dos mais expressivos sindicatos ligados à Cen-

tral Única dos Trabalhadores (CUT), a entidade não se furtará ao diálogo com o futuro Ministro da Justiça de Collor, Bernardo Cabral, “se sentir seriedade de intenções”.

— Mas é preciso ficar claro que não vamos abrir mão dos nossos direitos e não aceitamos mais fazer sacrifício, pois até fome já passamos. Não fomos nós que fizemos a dívida externa e não é justo que tenhamos que pagá-la.

Tanto Magri quanto Araújo não descartaram a hipótese da união de todos os movimentos e tendências sindicais no combate a uma política de recessão com desemprego:

— Os trabalhadores têm que se unir, independentemente da sua ideologia e dos interesses das cúpulas dirigentes — disse Araújo.